

## **Memórias em Movimento: Vídeo Digital, Representações Sociais e Produção de Sentido<sup>1</sup>**

Juliana Oshima FRANCO<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná

### **Resumo**

Este artigo apresenta os primeiros passos do projeto de pesquisa que visa discutir o potencial do vídeo digital enquanto plataforma de representações sociais na contemporaneidade, e tem como objeto de estudo vídeodocumentários produzidos por jovens de dois bairros da periferia de Londrina (PR) dentro do projeto Roda Memória, uma iniciativa do Núcleo de Comunicação Popular e Comunitária da Alma (Associação Intercultural de Projetos Sociais). Partimos da hipótese que o vídeo digital tornou-se estratégica ferramenta de contestação e/ou fixação de estereótipos e identidades pelas comunidades. Assim, enfocamos neste artigo as discussões em torno do conceito de representações sociais e suas contribuições para o estudo do vídeo digital e da produção de sentido dele decorrente.

**Palavras-chave:** Vídeo digital; representações sociais; produção de sentido; identidade.

### **O vídeo digital como plataforma de representações sociais**

Este artigo tem como objetivo contribuir para os estudos que envolvem as interfaces entre o vídeo digital, as representações sociais e a produção de sentido, utilizando este leque de referências teóricas para melhor compreensão dos processos comunicativos que utilizam a imagem como recurso informativo, discursivo e narrativo na contemporaneidade, cuja interferência nos processos sociais deve ser relevada.

Observamos um fluxo crescente de grupos, comunidades, etnias, movimentos, coletivos e indivíduos subvertendo uma supostamente vertical e manipuladora lógica da comunicação de massa através da produção audiovisual independente, impulsionada pelas tecnologias digitais de produção e circulação de conteúdos comunicativos. Muitas evidências constatarem como o digital e, sobretudo, o audiovisual vem interferindo na dinâmica da sociedade contemporânea. Desde a utilização frenética e desordenada de sites como o YouTube, passando pela interatividade que seria proporcionada pela convergência de diversos meios de comunicação num só<sup>3</sup>, até políticas inovadoras,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Aluna do Mestrado em Comunicação Visual da Universidade Estadual de Londrina, e-mail: [juofranco@gmail.com](mailto:juofranco@gmail.com).

<sup>3</sup> Por exemplo, o aparelho celular multifuncional, que agora nos permite não só a comunicação inter-pessoal, mas também a produção e transmissão de dados em tempo real.

como a ação Cine Mais Cultura, do Ministério da Cultura<sup>4</sup>, são infinitos os indícios de que as tecnologias digitais aceleraram a hegemonia da imagem em movimento na atualidade, fazendo da linguagem audiovisual não somente um objeto de estudo mas também um tema relevante para os mais variados campos do conhecimento.

Em um filme, qualquer que seja seu projeto (descrever, distrair, criticar, denunciar, militar), a sociedade não é propriamente mostrada, é encenada. Em outras palavras, o filme opera escolhas, organiza elementos entre si, decupa no real e no imaginário, constrói um mundo possível que mantém relações complexas com o mundo real: pode ser em parte seu reflexo, mas também pode ser sua recusa (ocultando aspectos importantes do mundo real, idealizando, amplificando certos defeitos, propondo um “contramundo” etc.). Reflexo ou recusa, o filme constitui um ponto de vista sobre este ou aquele aspecto do mundo que lhe é contemporâneo. Estrutura a representação da sociedade em espetáculo, em drama (no sentido geral do termo) e é essa estruturação que é objeto dos cuidados do analista. (VANOYE; GOLIOT-LETÉ, 1994, p. 56).

Conforme acreditam Renó e Gonçalves, as novas tecnologias digitais de produção de vídeo propiciaram uma elevação na qualidade do conteúdo, além de “uma maior exploração de recursos narrativos na edição”, fomentada pelos programas de edição não-linear digitais, que abriram espaço para a produção independente, antes limitada pelos inacessíveis e custosos equipamentos analógicos. O formato digital e as tecnologias desenvolvidas a partir dele são inegavelmente um marco, não somente em termos da diversificação de conteúdos e discursos possibilitada, como também da reordenação social que estimula, ainda que não de maneira a “concorrer qualitativamente com grandes grupos ou emissoras de televisão” (RENÓ & GONÇALVES), como acreditam as autoras. São produções audiovisuais que buscam oferecer leituras de mundo que não costumam ter espaço nos meios de comunicação tradicionais e que, através das possibilidades abertas pelas novas tecnologias, pretendem sustentar discursos, defender valores, culturas e identidades usualmente estereotipadas, dissimuladas e ofuscadas pelos holofotes da indústria cultural.

---

<sup>4</sup> A ação Cine Mais Cultura está articulando uma rede nacional de cineclubes, através da distribuição de equipamentos digitais de projeção de vídeo em cidades de pequeno, médio e grande porte, estimulando a circulação de produções não-comerciais e nacionais e a formação de público.

Organizações civis, em suas mais variadas formas, tentam justamente ampliar as “frestas” em busca não somente de acesso a canais diversificados de informação e comunicação para serem “consumidos”, mas principalmente para serem utilizados por uma maior variedade de atores sociais, no sentido de contribuir para uma maior diversidade de discursos e representações. (ZANETTI, 2008 (1), p.7)

Mas será que o uso que é feito da linguagem audiovisual por esse novos agentes comunicativos consegue interferir de fato na dinâmica social, de modo a combater um estereótipo ou identidade que tenha sido mal representada ou dissimulada nos meios massivos? De acordo com Fragoso e Santos, a possibilidade de uso doméstico do vídeo transforma-o numa mídia “na qual se constroem narrativas e representações visando registro e produção de sentidos” (FRAGOSO & SANTOS, 2009, p.171). Em trabalho sobre vídeos produzidos por jovens de “contexto popular”, as autoras defendem que os mesmos se apropriam do vídeo digital para representar suas identidades e *impor* seus códigos, utilizando-o como “instrumento de organização e mobilização social para o exercício da cidadania” (FRAGOSO & SANTOS, 2009, p.185). Ainda que compartilhem a assertiva a respeito do potencial do vídeo digital como plataforma de representações sociais e de produção de sentidos, não assumimos que sua utilização imponha alguma mudança de fato, muito menos que tenha como fim a construção da “cidadania”, considerado o exemplo categórico de poder simbólico<sup>5</sup>, na medida em que se tornou estratégia de uma democracia tão abstrata quanto as próprias representações.

Porque a linguagem audiovisual, e especificamente o vídeo digital, vem sendo utilizado por esses grupos e comunidades como forma de expressão cultural, como estratégia de valorização de saberes e fazeres políticos e culturais? Como as representações sociais se materializam através desses vídeos e como esses vídeos influenciam a produção de sentido? O vídeo digital tem estimulado novas construções identitárias? E em que estas diferem das representações que perpassam os meios de massa? Estes são apenas alguns questionamentos que se relacionam aos desafios do projeto de mestrado em andamento, questões que não temos a pretensão de responder, mas sim que nos motivam a buscar contribuições teóricas para a posterior análise de

---

<sup>5</sup> Poder simbólico seria o “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito da mobilização” (BOURDIEU, 2001, p.15 Apud MARTINS, 2007).

conteúdo que iremos realizar dos vídeos produzidos por jovens dentro do projeto Roda Memória.

### **Representações, comunicação e produção de sentido**

Para Murilo César Soares, as relações entre representações e comunicação estão em crise. Ele defende que o conceito de representação deva ser analisado a partir de sua longa trajetória teórica, considerando tensões acumuladas desde a Idade Média, quando das primeiras referências ao tema, até as mais recentes discussões em torno do conceito de simulacros. Soares pontua quatro problemas ou eixos de discussão complementares, a partir dos quais poderíamos discutir a idéia de representações.

A perspectiva da *representação mental*, oriunda da filosofia medieval, evoca a idéia de simbolizar algo que não pode ser visto ou mostrado, de abstrair o plano objetivo e material. “A representação mental poderia atuar como uma ‘palavra mental’, assumindo papel lingüístico” (SOARES, 2007, p.48), ou seja, assumindo uma função de elo entre conhecimento e realidade, claramente ligada aos processos cognitivos, à tentativa de compreensão da engenharia da mente humana, tendência que influenciou o desenvolvimento de campos como a lingüística e a semiótica. As representações mentais, formas de abstrair a realidade concreta através de signos carregados de significados, produziriam uma “estruturação proposicional”, espécie de estrutura de sentidos fundamental para a produção do conhecimento.

A segunda perspectiva-problema daria mais ênfase aos *determinantes sociais das representações*, ou seja, mudaria o enfoque dos processos cognitivos mentais para a influência que o contexto histórico e as dinâmicas sociais têm sobre as representações, focalizando a maneira como a formação das idéias na sociedade é balizada por consensos e pelo senso-comum, ou seja, enfatizando as relações entre sujeito e objeto. De acordo com Soares, tal tendência teve início com Marx e Engels e seus escritos sobre ideologias – entendidas como “representações conceituais de caráter político que configuram a realidade social a partir do prisma de uma classe, destacando-se neste processo a classe dominante” (SOARES, 2007, p.49).

Essa vertente marxista repercutiria numa série de desdobramentos em relação ao conceito de representação, sendo o sociólogo Émile Durkeim o precursor desse processo com o conceito de representações coletivas que, no início do século XX, reafirmava a

influência das estruturas sociais sobre os “estados das coletividades”. A partir daí, solidificam-se os estudos sobre a construção social da realidade, segundo os quais a sociedade seria uma realidade subjetiva, interiorizada e transformada por cada um de nós. Ainda sob influência desta corrente, na década de 1960, Serge Moscovici propõe o termo “representações sociais”, cunhado a partir de uma releitura da formulação de Durkheim, a qual considerava limitada face à diversidade social e cultural e incapaz de simbolizar a influência do grupal sobre o individual. Murilo César Soares ainda relaciona nesta terceira perspectiva as contribuições de Foucault, com o termo “epistême”, que caracterizaria “o princípio de ordenação dos saberes de cada época histórica” (SOARES, 2007, p.49).

Ao abordar a terceira perspectiva, *representações mediáticas*, Soares destaca a virada que o aprimoramento técnico, especialmente dos meios audiovisuais e da fotografia, proporcionou em termos de representações na sociedade. Nas narrativas mediáticas contemporâneas a imagem atua como uma chancela de credibilidade que diluiria ideologias e contribuiria para a disseminação de representações superficiais, ocasionando uma distorção entre real e ficcional, o que apontaria para o monopólio dos meios de comunicação sobre as representações na atualidade. Esse poder de naturalizar, idealizar ou estereotipar estruturas sociais seria apenas uma das principais tensões nas relações entre representação e comunicação.

A quarta perspectiva de discussão do tema apresentada por Soares, a *representação distribuída*, referir-se-ia a uma abordagem que comportaria todas as demais perspectivas apontadas, entendendo-as como instâncias em relação dinâmica, sob influência umas das outras. Esta visão reverencia os âmbitos cognitivo, social e técnico das representações, buscando compreender todos esses aspectos na produção de sentido, de caráter fortemente transdisciplinar. Ainda de acordo com Soares, o conceito de representação vem sendo colocado em crise principalmente pela noção corrosiva de simulacro, como integrante desta última perspectiva. “O simulacro não nega o real, mas sim a diferença entre a imagem e a realidade, já que vivemos uma hiper-realidade, uma situação em que se fundem imagem, realidade, espetáculo sensação e significado” (SOARES, 2007, p.53), ou seja, no mundo moderno já não caberia mais a polarização entre realidade e representação, entre sujeito e objeto.



A apresentação do conceito de representação a partir das categorias propostas no artigo de Murilo Soares justifica-se pela necessidade de nos precavermos de uma des-historicização do conceito, caminho perigoso em se tratando de uma noção que permite o diálogo entre diferentes e contraditórias perspectivas teóricas. A categorização de Soares nos permite observar diferentes possibilidades conceituais que, mesmo a partir de pontos de vista diferentes, contribuem, todas, para a investigação em torno das relações entre comunicação e representação. A elaboração do autor dialoga, de alguma forma, com a de Mary Jane Spink, ainda que ela compreenda esse contexto de forma mais polarizada. Segundo ela, existiriam não quatro, mas apenas duas perspectivas para a discussão das representações. A primeira voltada à questão do conhecimento, “sua natureza, e seus pressupostos epistemológicos”, e a segunda voltada para a funcionalidade, o aspecto mais prático. Ela afirma que, na segunda perspectiva o caminho tem sido a substituição do termo “representações sociais” por “práticas discursivas”, visando eliminar as possíveis confusões de um conceito que “situa-se entre dois paradigmas: o da modernidade e o da pós-modernidade” (SPINK, 1993, p.303). Ela também faz referência ao *epistême* e sua relação com o imaginário social. Como podemos observar, as propostas classificatórias são diversas, as leituras e conceitos variados, mas o fenômeno que os alimenta é comum, sensível, real. Criamos afinidade com algumas idéias, descartamos outras, mas todas contribuem para o estudo do fenômeno propriamente dito, que tem como pano de fundo as transformações sociais observadas a partir das novas tecnologias.

A perspectiva das representações sociais nos parece contributiva para o estudo do vídeo digital pois nos permite analisar essa ferramenta comunicativa a partir de sua influência na construção social da realidade, buscando compreender o que leva o vídeo digital a ser amplamente utilizado como ferramenta de auto-afirmação e identidades, de discursos hegemônicos e contra-hegemônicos. Moscovici não teria como norte somente a investigação a respeito do processo do conhecimento e da construção das realidades, mas também “quis compreender como a produção de conhecimentos plurais constitui e reforça a identidade dos grupos, como influi em suas práticas e como estas reconstituem seu pensamento” (OLIVEIRA, 2004, p. 181). Segundo Mary Jane Spink, ele tinha total consciência do diálogo de sua abordagem com perspectivas construtivistas, e teria inscrito sua teoria dentro do que a autora chamou de “terceiro movimento das teorias do

conhecimento”, onde também estaria localizada a perspectiva da construção social da realidade.

Assim, representações sociais seriam “fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum” (MOSCOVICI, 2003, p. 49 Apud AMARAL, 2005, p.4), e que teria como principal objetivo estabelecer o processo de conhecimento, de familiaridade com os objetos e idéias do mundo. Segundo Moscovici, a produção do conhecimento utilizaria dois mecanismos: a ancoragem, que diz respeito à compreensão do desconhecido através da sua inserção em categorias mentais pré-existentes, e a objetivação, que diz respeito à iconização de alguma idéia, ou seja, à assimilação de uma idéia através de sua associação a imagens concretas ou reais. A compreensão da realidade atual passaria, necessariamente, pelo estudo das práticas comunicativas e da produção de sentido delas decorrente, na medida em que o ser humano é um produto social, cuja sociabilidade está diretamente vinculada à comunicação e à linguagem, e esta à própria construção da realidade (SPINK e MEDRADO, 1999).

A linguagem assegura a superposição fundamental da lógica sobre o mundo social objetivado. O edifício das legitimações é construído sobre a linguagem e usa-a como seu principal instrumento. Assim, a “lógica” atribuída à ordem institucional faz parte do acervo socialmente disponível do conhecimento, tomado como natural e certo. (BERGER & LUCKMANN, 2000, p. 92).

A representação social pode ser considerada uma atividade de construção simbólica, que diz respeito às relações entre um sujeito e um objeto, expressas e materializadas através da linguagem e da comunicação (JOVCHELOVITCH, 2000). Sendo produto das estruturas sociais e dos fenômenos comunicativos, as representações propiciariam a “organização das relações simbólicas entre atores sociais” (ZANETTI, 2008, p. 6), ou seja, influenciariam a construção das subjetividades e, por conseguinte, da própria realidade.

Conforme afirma Maria Luiza Martins, consideramos as narrativas e os discursos os fios que tecem a realidade e que, por estarem envolvidos diretamente com a esfera da produção cultural, tornam-se fundamentais para a compreensão da própria dinâmica social, ou melhor, interferem diretamente nela.

Daí resulta que a importância dos discursos não se restringe à representação do real, mas reside em sua eficácia para gerir processos e agenciamentos políticos, identitários e de legitimação destinados a produzir e reproduzir os sentidos necessários para a manutenção do consenso em torno de uma determinada ordem social. (MARTINS, 2007, p.2).

O fato de vivermos um período histórico em que as narrativas midiáticas têm o poder de substituir ou re-significar referenciais historicamente referendados pela sociedade, colocaria os meios de comunicação no centro da produção cultural e simbólica, interferindo diretamente não somente na produção da subjetividade como na instituição de novos processos sociais. Martins ainda atenta para o perigo da condução dos meios de comunicação pelos grupos hegemônicos, na medida em que utilizariam o poder simbólico para a manutenção de uma ordem social de acordo com seus interesses (MARTINS, 2007).

Como linguagem audiovisual, o vídeo digital tem possibilitado a inúmeros grupos a produção de conteúdo próprio, não mediado pelos grandes meios de comunicação, saindo de uma postura passiva, de espectador, para uma postura ativa, responsável pela construção de discursos e representações a partir de suas referências. A facilidade de produção e a diversificação de fontes que permite – incluindo a possibilidade de registro das falas de todo tipo de pessoa seja ela alfabetizada ou não – amplia a utilidade da linguagem audiovisual na atualidade. Nesse sentido, não adianta somente deter os meios de produção, mas também dominar a linguagem, pelo contrário não se garante nem abordagem nem visibilidade, sujeitando-se à reprodução dos paradigmas dominantes ao invés da proposição de novos. Quando consideramos que a maior parte dos referenciais estéticos e narrativos disponíveis nos meios de comunicação é influenciada pela cultura de massa, hegemônica, nada garante que, à frente do comando de meios próprios, esses grupos não acabem reproduzindo a estética, a linguagem, os discursos e até a ideologia dominante. A probabilidade de suas representações serem contraditórias, ou serem distorcidas de seu intuito através do filtro do senso-comum é bastante grande.

Segundo Spink, a dinamicidade das representações é uma característica ímpar, fazendo delas tanto a expressão do que é culturalmente estático, o que é norma, hábito,

quanto da multiplicidade e da contradição. Através da norma, as representações permitiriam a locação do conhecimento e da ciência no imaginário social.

O imaginário social seria, assim, o conjunto cumulativo das produções culturais que circulam numa determinada sociedade sob formas as mais variadas: iconografia, literatura, canções, provérbios, mitos. Essas produções são filtradas pelas representações hegemônicas constitutivas do *epistême* (Foucault, 1987), ou visão de mundo, de uma determinada época histórica. São, ainda, reinterpretadas pelo grupo, ou, especificamente, pelo *habitus*, entendido, conforme definido por Bourdieu, (1983), como disposições adquiridas em função de pertencer a determinados grupos sociais. (SPINK, 1993, p.305)

Nesse sentido, não nos caberia buscar catalogar conteúdos em busca de padrões, consensos, nem estruturas lógicas, pois, “ao aprofundarmos a análise do senso-comum, deparamo-nos não com a lógica e com a coerência, mas com a contradição” (SPINK, 1993, p. 306). O reconhecimento da diversidade, no entanto, não seria o mesmo que a anulação do consenso, das identidades e representações que habitam a esfera do imaginário social, do *epistême*, onde estão localizados os elementos estáveis do discurso social. Assim, a autora acredita que as representações sociais não somente como conteúdos, mas como processos, ou seja, na sua funcionalidade na manutenção de uma determinada ordem social. Segundo ela, as maiores contribuições desse debate seriam

A ênfase no processo de elaboração das representações sociais a partir das práticas sociais que as definem e que são por elas definidas, bem como a abertura da possibilidade de se trabalhar o particular como expressão do universal, através de estudos de caso social e historicamente contextualizados. (SPINK, 1993, p.307)

Pelo exposto anteriormente, acreditamos que os conceitos de representações sociais poderão contribuir amplamente para os estudos que envolverão a análise de conteúdo dos dois vídeos do projeto Roda Memória, com o objetivo de investigar o vídeo digital enquanto ferramenta de visibilidade e reconhecimento social de populações que pretendem, através da auto-representação, defender suas diferenças e especificidades culturais.

### **Roda Memória: uma proposta metodológica**

Como apontamos, a discussão acima irá pautar nossas reflexões em torno dos vídeos produzidos em oficinas de produção de vídeo realizadas dentro do projeto Roda Memória, uma iniciativa do Núcleo de Comunicação Popular e Comunitária da ALMA, organização não-governamental de Londrina (PR). O projeto tem como objetivo o registro e circulação de memórias e histórias de vida na cidade, priorizando discursos não-oficiais e depoimentos de pessoas comuns, colhidos em sessões de cinema itinerante, na TV Cabine – basicamente uma câmera de vídeo com microfone, em que as pessoas podem sentar e contar suas histórias. Desde 2008 o Roda Memória conta com o patrocínio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic) da Prefeitura de Londrina, tendo produzido, neste período, mais de 60 horas de gravações, que resultaram em quatro documentários, três deles produzidos em 2009, durante oficinas de vídeo realizadas em três bairros: Vila Nova (centro), Jd. Santa Fé (leste) e União da Vitória (sul). Os vídeos produzidos nos dois últimos bairros é que constituirão o *corpus* de análise do projeto de mestrado em andamento, na medida em que falam de um mesmo contexto de periferia, permitindo uma observação comparativa.

O fato de termos um vínculo direto com o projeto nos permitirá uma descrição mais detalhada do processo de produção desses vídeos, e esperamos que uma reflexão que utilize de forma integrativa teoria e práxis, assumindo uma perspectiva mais antropológica de relacionamento com o objeto. A discussão teórica aqui proposta decorre das reflexões estimuladas por dois anos de trabalhos no Roda Memória, ao longo dos quais as questões foram amadurecendo e buscando o suporte de teorias e conhecimentos de modo a fortalecer as práticas, tornando-as cada vez mais consistentes.

Além da Rádio-Poste e demais iniciativas de formação e sensibilização de público, o Núcleo encontrou na memória oral uma forma de contribuir decididamente para a desconstrução dos paradigmas de produção cultural e comunicacional dos *media* e da própria sociedade capitalista. Partimos do pressuposto que a memória é um instrumento de poder que permite às pessoas agirem sobre as relações sociais e interferirem nas representações sociais e processos de construção identitária. Nesse sentido, através deste trabalho o objetivo do Núcleo é dar voz a grupos e pessoas que não têm espaço ou reconhecimento nesta história oficial e nos meios de comunicação tradicionais, permitindo-lhes um exercício de reflexão sobre suas realidades, comunidades e identidades. O Roda Memória assume uma postura de reconhecimento da

potencialidade dos indivíduos enquanto difusores de cultura e agentes de transformação social, valorizando sua contribuição na ampliação de olhares e interpretações sobre a cultura local. (FRANCO, 2010, p.9).

O Roda Memória insere-se dentro deste movimento de utilização do vídeo digital enquanto ferramenta de visibilidade e reconhecimento, forma de disputa simbólica em torno de identidades e representações que ofereçam um novo ponto de vista sobre suas histórias e realidades. O caráter experimental dessas produções – que buscam estimular o olhar das novas gerações sobre as gerações passadas, permitindo aos mais velhos narrarem a história de seus bairros tal como testemunharam, sobretudo enquanto experiência sensível, enquanto uma releitura sobre o passado – não impede que possamos refletir sobre as mesmas cientificamente, na medida em que diversas metodologias defendem os benefícios de posturas mais ativas ou orgânicas dos pesquisadores em relação a seus objetos, o que contribui para a questão numa via de mão-dupla, tanto alimentando-se dos conhecimentos e discussões teóricas no aprimoramento das ações, quanto servindo de estudo de caso através do qual podemos atingir a generalidade.

Nesse sentido, o conjunto de vídeos do projeto permite um rico estudo de caso a partir da reflexão apresentada, na medida em que: a) os jovens das comunidades estão envolvidos em todo o processo de produção audiovisual, desde a escolha dos entrevistados até a edição e montagem dos filmes; b) tem como recorte temático a memória dos bairros, diretamente ligada às representações sociais e construções identitárias desses grupos/comunidades; c) exemplifica a utilização da linguagem audiovisual como estratégia de visibilidade e reconhecimento social.

Para atingirmos os objetivos da pesquisa empregaremos a metodologia da análise de conteúdo. Ainda que consideremos as duas perspectivas para análise dos produtos audiovisuais, o aspecto qualitativo certamente prevalecerá sobre o quantitativo, priorizando uma interpretação semântica, que vislumbre o fenômeno da produção de sentido, valorizando a inferência como “operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada” (FONSECA JÚNIOR Apud BUARQUE & BARROS, 2006:284). Deste modo, nossa ferramenta de pesquisa será a análise de conteúdo temática, haja vista que criaremos categorias semânticas para análise dos vídeos, da mesma maneira como poderíamos defini-la como



análise de contingência, considerando explorar as associações executadas pelos realizadores dos vídeos em relação aos diferentes temas abordados. Entre alguns temas presentes localizamos família, trabalho, comunidade, preconceito e reconhecimento.

Este artigo buscou sistematizar as questões que norteiam a pesquisa de mestrado em andamento no programa da Universidade Estadual de Londrina. Esperamos, através do mesmo, junto a outros pesquisadores e através o debate de idéias, refletir sobre essa proposta de abordagem teórico-metodológica além de, principalmente, contribuir para a fmentação desse debate no âmbito das ciencias da comunicação.

### Referências Bibliográficas

AMARAL, Renata Maria do. Representações sociais e discurso midiático: como os meios de comunicação de massa fabricam a realidade. **Lâmina - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco**, n.1, p. 1-15, set. 2005. Disponível em: < <http://www.ppgcomufpe.com.br/lamina/artigo-renata.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2010.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento. (Trad. Floriano de Souza Fernandes). 19.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FRAGOSO, Patrícia Munick de Albuquerque. SANTOS, Maria Salett Tauk. Vídeo digital: representações das culturas populares. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.32, n.1, p.169-187, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/5617/5061>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

FRANCO, Juliana Oshima. Núcleo de Comunicação Popular e Comunitária da Alma. In: SIMPÓSIO DE COMUNICAÇÃO POPULAR E COMUNITÁRIA, 1, jun.2010, Londrina. **Anais...** Londrina: Núcleo de Pesquisa em Comunicação Popular, Universidade de Londrina, 2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARTINS, Maria Luiza. Narrativas audiovisuais e mobilização social: possibilidades. **Razón y Palabra**, abr./maio 2007. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n56/mmartins.html>>. Acesso em: 20 maio 2010.

OLIVEIRA, Márcio S.B.S. Representações sociais e sociedade: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.19, n.55, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a14v1955.pdf>>. Acesso em 10 out. 2009.

RENÓ, Denis Porto; GONÇALVES, Elizabeth Moraes. O vídeo popular e as novas tecnologias digitais: uma releitura sobre tecnologia, linguagem e espaço audiovisual. **Encipecom – Enciclopédia do Pensamento Comunicacional**. Disponível em:  
<[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/73/14 - O video popular e as novas tecnologias - Denis e Elizabeth.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/7/73/14_-_O_video_popular_e_as_novas_tecnologias_-_Denis_e_Elizabeth.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2010.

SOARES, Murilo César. Representações e comunicação: uma relação em crise. **Líbero**, ano X, n.20, p.47-56, dez. 2007. Disponível em:  
<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/viewArticle/4643>>. Acesso em 20 de abr. 2010.

SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, Mary Jane. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 300-308, jul./set. 2003. Disponível em:  
<<http://www.daywork.com.br/itarget.com.br/clients/ijc.org.br/novo/down/genero/Das%20representacoes%20aos%20repertorios%20Uma%20abordagem%20construcionista.pdf>>. Acesso em 11 jun. 2010.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LETÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. (Trad. Marina Appenzeller). 5.ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

ZANETTI, Daniela. Cenas da periferia: auto-representação como luta por reconhecimento. **E-compos - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v.11, maio/ago. 2008 (1), p.1-16. Disponível em:  
<<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/218/272>>. Acesso em 20 abr. 2010.

\_\_\_\_\_. **Cenas da periferia: representações e discursos em produções audiovisuais “periféricas”**. Salvador, BA, maio 2008 (2). Disponível em:  
<<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14458.pdf>>. Acesso em 01 fev. 2010.